

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VITÓRIA CLAUDINO DE LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO PARA AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS, 2017

VITÓRIA CLAUDINO DE LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO PARA AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Seminário de Conclusão de Curso II e para
obtenção do grau de Licenciada em Educação
Física, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani

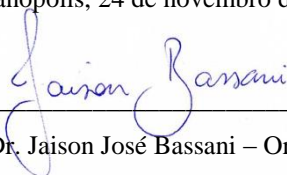
Coorientadora: Profª Giovana Rastelli

VITÓRIA CLAUDINO DE LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO PARA AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de novembro de 2017



Prof. Dr. Jaison José Bassani – Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Giovana Rastelli - Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Ms. Miraira Noal Manfroí - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Ms. André Justino da Silva Costa - Membro
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Ms. Fanny Cacilie Gauna de Siqueira- Membro
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Dedico esta pesquisa a minha família. Em especial ao meu Pai Domingos Rodrigo, por todo apoio e incentivo para a realização deste trabalho. E em memória a minha mãezinha amada, Denisia Lindalva.

“[...] Estarei com você, em todos os seus passos. Abraçados às suas orações e às lembranças carinhosas, que me fortalecem para a jornada nova, e rogando a você muita tranquilidade e confiança em Deus, sou a mamãe muito amiga, que vive constantemente com você pelo coração.” (Chico Xavier, pelo espírito Noemia – do livro: Mãe)

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, pela vida, saúde e proteção. À minha fé, que me fortalece e me guia em rumo aos meus sonhos e oportunidades.

Agradecer imensamente a minha mãezinha, hoje no céu, por toda a sua vida e amizade. Pelo carinho, dedicação e incentivo com que sempre me apoiou. Pela presença permanente em meu coração, por esse amor Fraternal e Eterno. Agradecendo a papai por ser essa fortaleza de amor, por todos os conselhos e educação. Por acreditar nos meus sonhos. Pelo incentivo e paciência, sem você essa conquista não seria possível.

Às minhas estimadas irmãs Kamilla, Mariana e Aurora, pela amizade e companheirismo. Por ser quem são me transmitindo sempre todo apoio, confiança e alegria. As amo imensamente, e sou eternamente grata.

Agradecer a toda minha família. Em especial aos meus avós Osvaldo, Lindalva e Ivana por todas as suas sabedorias expressadas na simplicidade, no afeto e no amor.

Às minhas tias Carla, Morena e Maria, pela consideração e carinho.

Agradecendo a amizade, que me presenteia com lindas presenças. À Brisa, Pedro e família, por serem estes grandes parceiros na minha vida. Ao Bruno por ser este grande irmão de presente.

Aos meus queridos amigos e colegas de curso. Danilo, por nossa amizade e companheirismo desde o início, por toda nossa jornada ao longo do curso e pelo incentivo ao meu crescimento. À Francin por nossa cumplicidade e irmandade, pelo apoio inexplicável na realização desta conquista, por toda paciência e amizade. À Camilla querida, pela amizade e alegria mesmo nos momentos tensos de construção deste trabalho.

Agradecer muito a Giovana Rastelli, minha querida amiga e coorientadora deste projeto. Pelas palavras confortantes e apoio indescritível. Por tudo que compartilhamos e aprendemos ao longo da nossa formação.

Ao meu orientador, professor Jaison, pelo despertar de um novo olhar para a Educação Física. Por me auxiliar no processo de construção no ensino e nas práticas pedagógicas, pelos incentivos, reflexões e orientações ao longo dos anos.

Por fim, aos professores de Educação Física os quais tive o prazer de conhecer e aprender ao longo desses anos de formação. Sem deixar de agradecer às crianças, que me enchem de felicidade, por tornarem mais coloridos esses nossos mundos de adulto na simplicidade em ser quem são e no despertar de um simples sorriso.

“Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer” (Albert Einstein).

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de Florianópolis (SC), localizada próximo à região central da cidade e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo geral da pesquisa foi compreender de que maneiras estão sendo realizadas as apropriações dos espaços físicos nas aulas de Educação Física em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Como instrumentos para análise e discussão foi realizada uma observação participante por um período de três semanas, seguido da entrevista coletiva realizada com quatro alunos (dois meninos e duas meninas) da mesma turma. Na escola pesquisada a representação dos alunos sobre Educação Física a partir dos espaços físicos para as aulas, se revelou baseado nas expectativas em sair de sala, de brincar, de se movimentar. De acordo com o que foi constatado isto é resultante da ausência de espaços físicos e momentos educacionais em que os alunos têm autonomia para escolher e se relacionar com os espaços de forma particular de encontro com seus desejos, de brincadeira e diversão. Foi identificado um conflito de interesses entre a legitimação da área enquanto componente curricular obrigatório, com um conhecimento sobre a cultura corporal de movimento, e a resistência dos alunos em buscar na disciplina uma válvula de escape para o aprendizado dentro das salas de aula.

Palavras chaves: Educação Física. Espaço físico, Ensino fundamental, Representações.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1.1 Contextualização do problema.....	07
1.2 Objetivos	12
1.3 Justificativa	12
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 O espaço na cultura escolar.....	14
2.2 A educação física e o seu enraizamento na cultura escolar	16
2.3 A educação física como componente obrigatório na educação básica	18
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Caracterização do estudo	19
3.2 Descrição do campo.....	20
3.3 Participantes do estudo	22
3.4 Instrumentos de coleta de dados	23
3.5 Aspectos éticos.....	24
3.6 Procedimentos para a coleta de dados	25
3.7 Análise dos dados	27
4. DISCUSSÃO	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	45
Apêndice I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	45
Apêndice II: Instrumento de Coleta de Dados	48
Apêndice III: Instrumento de Coleta de Dados.....	50

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

A Educação Física como prática pedagógica na instituição escolar desde os séculos XVIII e XIX hoje em dia configura-se na constituição de um componente curricular, que lida com uma seleção de conhecimentos organizados e sistematizados. Este processo de pensar e fazer a Educação Física de acordo com a matriz curricular de Florianópolis (2016) estaria constituído por uma série de desafios, entre eles estariam o rompimento de determinadas tradições responsáveis por sua consolidação no campo escolar ao longo de grande parte do século XX, em que sua função principal era a promoção da saúde por meio da exercitação física.

Sustentada pelo conhecimento médico-biológico e por práticas militaristas, a Educação Física foi instituída nas escolas com função de promover práticas à promoção de saúde e hábitos saudáveis, construção de caráter, preparar para o mercado de trabalho e evitar a fadiga intelectual, bem como disciplinamento dos corpos por meio de atividades práticas de exercitações ginástico militaristas e mais tarde esportistas, acrescentando a função de promover e treinar atletas para a visibilidade do país no campo esportivo (BRACHT, 1999). A Educação Física vem rompendo com a tradição que compreende o corpo apenas na sua dimensão anato-fisiológica, ampliando-a para uma concepção que compreende o movimento uma forma de expressão cultural, na qual os corpos expressam sentidos construídos e partilhados socialmente em um dado período histórico (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Esses novos olhares sobre a Educação Física no espaço escolar também expressam os desafios contínuos colocados à escola enquanto função social, que hoje objetiva-se em possibilitar as novas gerações o fortalecimento e o enriquecimento de sua herança científica e cultural, por meio do conhecimento sistematizado, e também da cultura local (BRASIL, 2015).

As primeiras organizações escolares apareceram no período colonial por volta do século XVIII tinha como principais competências o ensino da escrita, leitura e cálculos básicos, as escolas nesta época sequer tinham espaços destinados a educação, as aulas eram realizadas em espaços improvisados, como igrejas, salas comerciais e prédios públicos (FARIA FILHO; VIDAL, 2000).

Em busca de legitimação, o sistema educacional no século XIX procurou criar e impor características que lhes fossem próprias. A forma seriada de ensino, conteúdos segmentados divididos nos tempos escolares, controle dos corpos por meio de sirenes e relógios, inspetores nos corredores que evitavam dispersões são exemplos que demarcam esse novo período (FARIA FILHO; VIDAL, 2000). Nesta perspectiva, iniciou no país uma preocupação de adequação e planejamento dos espaços institucionais. O espaço da escola serviu em sua organização inicial de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos de religião, máximas morais e higiênicas, e o relógio, afim de que estes pudessem exprimir todas as intenções educacionais da época, constituindo uma cultura escolar própria, com saberes e organizações particulares (ESCOLANO, 2002).

Tais finalidades influenciaram a construção espacial dos primeiros edifícios. Estes eram vistos como monumentos do estado, com salas destinadas a biblioteca e museu, sala dos professores e salas de aula. Dentro das salas as carteiras eram pregadas, a figura central era o professor, do lado de fora no centro da escola tinha um pátio onde acontecia aula de canto e de ginástica, de modo a determinar o modo usual do espaço. O pátio tinha uma divisão demarcada por um muro, que separava rigidamente meninos e meninas de maneira que impedisse a comunicação entre ambos. Constituíam-se aí uma organização própria pela qual de acordo com Faria Filho e Vidal (2000) pretendia-se diferenciar os “alunos” dos “não alunos”:

“A rígida divisão dos sexos, a indicação precisa de espaços individuais na sala de aula e o controle dos movimentos do corpo na hora de recreio, conformavam uma economia gestual e motora que distinguia o aluno escolarizado da criança sem escola” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000. p.25).

A constituição do tempo escolar e dos espaços foram as principais características que diferenciam a escola dos outros tempos sociais. As inclusões do relógio nos espaços escolares tiveram uma função social clara unida à arquitetura escolar, “a ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens” (ESCOLANO, 2001, p. 44). O espaço é desta forma entendido como uma dimensão ativa na construção do saber, podendo ser considerada um programa educador, um elemento do currículo invisível e silencioso, o espaço educa e não é neutro (FRAGO, 2001). Nestas perspectivas as dimensões de tempo e espaço são fundamentais na constituição dos currículos escolares.

Em vista disso, no que configura as discussões acerca dos espaços escolares, vemos que há poucas reflexões relacionadas a uma concepção pedagógica, de tal forma que hoje em dia elas ainda pouco se diferem na sua organização espacial das que foram projetadas nos séculos passados. Temos, portanto, uma crescente valorização da organização conceitual do papel social da escola, e também no que se refere a Educação Física. Mas ao que tange a dimensão espacial enquanto uma concepção educativa identificam-se poucos avanços, isto se dá quando olhamos para os espaços escolares legitimados como os da Educação Física onde o que se vê ainda são as quadras, ginásios e pátios.

Bracht (1999) diz que quando se percebe quais locais são destinados às aulas de Educação Física aparece os espaços para as práticas esportivas, enunciando o tipo de prática a ser realizado, o que de alguma maneira pré-determina sua representação e logo, suas práticas. A Matriz Curricular de Florianópolis (2016) aponta tais problemáticas como um dos desafios didáticos da área enquanto componente curricular nos quais estariam colocados: o desafio de ressignificação dos usos de quadras e ginásios, quanto à utilização de outros espaços escolares e suas imediações como espaços legítimos para as práticas pedagógicas de Educação Física nas escolas.

No entanto essas questões são pouco discutidas entre os educadores. Não se leva em conta que a arquitetura é o espaço onde se desenvolvem o conjunto das relações pedagógicas, ampliando ou limitando suas possibilidades (DAYREL, 1999). São nesses espaços que se estabelecem as relações entre as normas impostas pela instituição e a apropriações por parte dos alunos. Para o autor, é evidente que a “re-significação” do espaço por parte dos alunos expressam a compreensão e as representações que possuem sobre a escola. Nestas perspectivas o presente trabalho busca contribuir para um diálogo entre as disponibilidades e usos dos espaços físicos da Educação Física e as representações que os alunos constroem a partir desta relação.

Partindo dessas considerações, apresentamos como tema central deste estudo a busca pela compreensão sobre de que maneiras estão sendo realizadas as apropriações nos espaços nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e quais são as representações que os alunos do 5º ano atribuem a Educação Física estabelecem nestes espaços em uma escola da Rede Municipal de Florianópolis. Nesta direção, perguntamos: Quais espaços são utilizados nas aulas de Educação Física? O que se faz nestes espaços? Como os alunos se apropriam destes espaços? O que dizem sobre eles? E, ainda: se mudam as concepções, os princípios, as bases teórico-metodológicas da Educação Física, modificam-se também os espaços da Educação Física?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 GERAL

Analisar como os alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental representam os espaços físicos para as aulas de Educação Física em uma escola da Rede Municipal de Florianópolis.

1.2.2 ESPECÍFICOS

- Descrever os espaços físicos ocupados pelos alunos nas aulas de Educação Física com intenção de conhecer a realidade da comunidade escolar.
- Identificar quais os espaços físicos que os alunos ocupam nas aulas de Educação Física para diagnosticar sua funcionalidade.
- Compreender a concepção de Educação Física construída pelos alunos a partir da sua relação com o espaço.

1.3 JUSTIFICATIVA

Quando criança, aluna de escola pública, residente de um bairro rural de Florianópolis, criada em meio à área verde, árvores, cachoeiras, poucos brinquedos e muitas brincadeiras, já manifestava o desejo de ser professora. Com minhas irmãs em um quadrinho improvisado no forno de assar pão, revezávamos a função de professor e aluno. Na nossa escola tinha deveres, tarefas, contas de operações básicas, atividades silábicas, porém nunca aula de Educação Física. Talvez porque não tínhamos os espaços semelhantes aos da escola para a prática da aula, tínhamos sim um repertório rico de possibilidades de vivências corporais, mas sem a bola, a quadra, as traves e as cestas.

Quando adolescente não me identifiquei com as aulas de Educação Física, nunca fui “boa” em nenhuma modalidade esportiva, não era a melhor do time, não fazia falta quando ao

invés de jogar bola escolhia ficar andando pela quadra. No entanto aqui estou, concluindo minha primeira graduação de nível superior de Licenciatura em Educação Física com convicção da escolha. Durante o curso pude conhecer outra face da área, que infelizmente ainda não chegam a todas as escolas e estudantes. São saberes e concepções para além dos esportes tradicionalmente conhecidos, possibilitam formas de experimentações e vivências corporais por meio de diferentes propostas curriculares que se expressam, por exemplo, nas atividades aquáticas, danças, exercícios físicos, jogos motores, lutas, ginástica, brinquedos e brincadeiras, práticas de aventura na natureza e outros.

A escolha do tema se deu inicialmente por todas essas experimentações vivenciadas nas minhas relações pessoais e enquanto estudante até os dias de hoje e através do processo de aprendizagem durante o curso da disciplina de estágio supervisionado em Educação Física, mas principalmente enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa à Iniciação a Docência (PIBID)¹. No projeto estabeleci uma relação de aproximadamente 4 anos com uma escola da Rede Municipal de Florianópolis, o que possibilitou um olhar diferenciado e contínuo em relação a organização escolar, aos conteúdos e projetos desenvolvidos na escola e nas práticas pedagógicas de Educação Física e as relações estabelecidas nos espaços físicos disponíveis.

Durante esses períodos acompanhei as etapas das reformas que aconteceram na instituição, a organização espacial e por consequência as propostas e organizações das intervenções pedagógicas de modo geral. Tais adequações me fizeram refletir se tal disposição espacial era capaz de influenciar as didáticas e os conteúdos desenvolvidos pelos professores de Educação Física, bem como de nós bolsistas e estagiários, e por fim, de que forma as crianças concebiam, julgavam e interpretavam tais mudanças.

No âmbito acadêmico há certa carência em debates e reflexões que busquem contribuir para as concepções sobre os espaços físicos para as aulas de Educação Física que possam auxiliar na legitimação da área no contexto escolar. A Educação Física avançou muito nos últimos anos na sua organização conceitual, mas em relação aos espaços pouco se discute e se renova. Estabelecendo um diálogo entre as representações sobre os espaços em uma dupla dimensão: física e conceitual, poder-se-iam compreender melhor de que forma o espaço contribui ou limita o ensino das práticas pedagógicas de Educação Física no campo escolar. De modo que possa repensar a possibilidade de um novo espaço a fim de potencializar e

¹ O PIBID foi criado em 2010 e possui como principal objetivo incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica, elevando assim a qualidade da formação inicial de professores. Fonte: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capesibid>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

ofertar um maior repertório de possibilidades de intervenções que compõem a cultura corporal de movimento.

Para contribuir nesse processo a interlocução com as crianças constitui um elemento fundamental da pesquisa, para que a partir de suas experiências possamos compreender de que forma são realizadas as apropriações por parte dos alunos nos espaços físicos da instituição, mais precisamente os da Educação Física. Podendo assim identificar as formas de representações que são construídas pelos alunos a partir da disponibilidade espacial que lhe são oferecidas enquanto repertório de intervenção pedagógica.

A escola em seu contexto social é composta por atores sociais e sujeitos ativos, que diariamente constroem e modificam a cultura escolar. Estes constituem e desafiam os educadores a desenvolverem posturas e instrumentos que possibilitem o aprimoramento do seu olhar sobre o aluno, considerando suas diferenças e as dimensões culturais e sociais que estabelecem em outros espaços externos a escola (DAYRELL, 1999). Estabelecendo uma relação de troca entre os saberes institucionais e da comunidade, de forma que, quanto mais experiências corporais e de ensino da Educação Física forem desenvolvidas mais possibilidades de troca com a comunidade poderá ocorrer, pois os conhecimentos não serão limitados às dimensões físicas de salas, quadras e pátios.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O ESPAÇO NA CULTURA ESCOLAR

Hoje em dia o espaço escolar já consolidado em seus modos de organização espaciais e temporais, compõe o que se chama de uma cultura escolar que é compreendida como uma prática social própria e única. Esta concepção que reconhece a existência de uma cultura escolar foi consolidada nos anos 90, tendo como principais elementos determinantes os atores sociais, os discursos e as linguagens, as instituições e as práticas educacionais (SILVA, 2006). A produção sob tal cultura é produzida por aspectos distintos, Faria Filho (2007) descreve cultura escolar:

É entendida como a forma em que a situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaços-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as

sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares (FARIA FILHO, 2007, p. 195).

Pensar a escola como um espaço social e cultural é compreendê-la por um olhar mais denso, levando em conta o seu dinamismo e o saber cotidiano. É resgatar o papel dos sujeitos sociais e históricos, presentes na história e autores da história. A partir desta visão atribuída à escola, entende-se também que há um processo constante de apropriação dos espaços disponibilizados, das normas impostas, das práticas e dos saberes atribuídos. Essa perspectiva entende também que, os sujeitos envolvidos nesse processo não são agentes passivos, pelo contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas (DAYRELL, 1999).

A cultura escolar configura, portanto, um espaço social e cultural, que tem sua própria organização. Ali estão impostas normas e regras que delimitam as ações dos sujeitos. As condições são ditadas a partir da maneira pela qual são realizadas apropriações dos espaços, normas e práticas do saber conceitual que dá forma a vida escolar (DAYRELL, 1999). Com base nessas reflexões, o espaço é considerado um fator ativo na construção das subjetividades dos estudantes - e de todos os sujeitos inseridos na escola - a partir de uma dupla dimensão: uma material, física, palpável, e outra conceitual, simbólica.

A dimensão física estaria presente como um espaço ativo na construção do saber, podendo ser considerado um programa educador, um elemento do currículo invisível e silencioso, já que o espaço educa e não é neutro (FRAGO, 2001). Tudo é delimitado formalmente e expressa uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Sendo assim, a arquitetura escolar interfere desde a forma de circulação dos sujeitos à definição usual para cada ambiente físico presente chegando a expressar uma concepção educativa para tal instituição (DAYRELL, 1999).

A segunda dimensão pretende dar sentido as atribuições que os sujeitos têm sobre os espaços a partir das representações que constroem sobre determinada materialidade. Essa atribuição de sentido vai depender de uma série de elementos que são constituídos a partir das referências pessoais, de modo que possamos dizer que não existe uma realidade monolítica, mas que a realidade é perpassada pela compreensão e pela percepção sobre ela (DAYRELL, 1999). Portanto os usos e as funções que damos aos espaços são parte do que entendemos sobre e para eles. Estes sentidos e funções são produtos das representações que temos através da maneira com a qual se concebe, interpreta e julga determinada realidade, de acordo com as relações histórico-sociais de cada indivíduo.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU ENRAIZAMENTO NA CULTURA ESCOLAR

No Brasil, a preocupação com a construção de um lugar específico para funcionar como escola teve como marco histórico o advento da República, e a partir disso fortaleceu a crença de que a construção de uma nação e um de Estado próspero dependia, em grande parte, da tríade educação intelectual, moral, e física do povo. Com interesse então em formar um cidadão brasileiro letrado e digno de pertencer ao regime republicano, iniciou-se uma tentativa de desqualificar e subestimar o conhecimento e o saber das crianças. As práticas culturais vivenciadas em outros tempos e espaços sociais também foram desconsideradas, de modo a legitimar a escola como instrumento central do saber. O processo de escolarização se tornou um instrumento do estado no auxílio à inserção do Brasil no mundo moderno e industrializado (VAGO, 1999).

A partir de então, foi instituído o que ficou conhecido por Grupos Escolares, tal movimento educacional pretendia, por parte do Estado, ser alvo de destaque e admiração. Passou nessa a época a valorizar a adoção de uma cultura material escolar, que compunha um arsenal de materiais didático-pedagógico² e de construção de novos prédios escolares (FARIA FILHO; VIDAL, 2000). O convívio com a arquitetura monumental nesta época foi intencional, pretendia-se atrair e induzir aos alunos certo apreço à educação racional, científica e a valorização de uma simbologia estética, cultural e ideológica.

Preocupados em implantar uma racionalidade no corpo³ das crianças e formar um cidadão saudável, dócil que fosse produtivo a esta nova perspectiva nacionalista, o movimento também ficou conhecido como regeneração da raça, e foi a partir dele que se deu a institucionalização da Educação Física no ambiente escolar (VAGO, 1999). A Educação Física nesta época foi influenciada por concepções militaristas e higienistas: a militar influenciava as práticas, baseadas no saber médico de produção de saúde; a higienista deveria atender a práticas corporais referentes a hábitos saudáveis e higiênicos (BRACHT, 1999).

A Educação Física nos séculos XVIII e XIX era uma das principais e indispensáveis disciplinas, pois deveriam ter como resultado de suas práticas a educação e disciplinamento

² Faziam parte destes materiais globos, cartazes, carteiras, cadernos, livros, “para os quais não era possível mais ficar adaptando os espaços, sob pena de não colher, desses materiais, os reais benefícios que poderiam trazer para a instrução” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.25).

³ Nesta época, fundamentado nas ciências biológicas, igualado, portanto, a uma estrutura mecânica – visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e ao seu funcionamento. Corpo como belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso (BRACHT, 1999).

do corpo. Por conta disso constituíam-se por as aulas diárias com duração de 25 minutos, eram intercaladas entre disciplinas de cunho teórico, passando a assumir também um caráter de recurso higiênico no combate a fadiga intelectual das crianças evitando o tédio e aumentando o rendimento (VIDAL, 1999). Constituíam-se na exercitação e possuíam características diferenciadas para meninos e meninas:

Para eles, a prática central eram as variações de marchas militares, que deveriam ser executadas observando-se “estritamente as regras militares”. Já para as meninas, prescrevia-se brincar em liberdade no pátio e realizar exercícios de “extensão e flexão de músculos”, executados metodicamente “à sombra”. A diferenciação de práticas corporais para meninos e meninas expressa as representações sobre o corpo masculino e o feminino: para eles, exercícios viris, marchas militares; para elas, a delicadeza de exercícios de extensão e flexão; para ambos, uma educação racional de seus corpos, mas que deveria respeitar as diferenças entre eles (VAGO, 1999, p.35).

De acordo com Valter Bracht (1999), no século XX saímos do controle do corpo via racionalização com enfoque biológico para um via estimulação e enaltecimento do prazer corporal, com enfoque psicológico. Essa nova concepção sobre o corpo não modificou os princípios fundamentais⁴ colocados para a Educação Física no contexto escolar, no entanto alterou as práticas ginásticas para as esportistas. Determinadas mudanças agregaram novos sentidos e significados para a Educação Física, como a responsabilidade de preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo, tal combinação ficou conhecida por Diagnóstico da Educação Física/Desportos, publicado pelo governo brasileiro em 1971.

Essa característica esportivista da Educação Física durou de forma hegemônica durante várias décadas, somente nos anos de 1980 é que esse modelo começou a ser questionado pelo que ficou conhecido por movimento renovador (GONZÁLES, FENSTERSEIFER, 2009). Tal movimento impulsionou mudanças significativas na área, a principal segundo os autores, foi marcada pela transformação da Educação Física na condição de disciplina escolar deixando de ser considerada mera atividade.

⁴ Na época, ligados ao “desenvolvimento da promoção à aptidão física e suas consequências: a saúde e a capacidade de trabalho/rendimento individual e social” (BRACHT, V. 1999, p. 74).

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Educação Física hoje é componente curricular obrigatório⁵ e integra o quadro das disciplinas presentes na base de ensino nacional comum em todas as etapas da educação básica⁶ e deve, portanto, ser integrada à proposta pedagógica da escola (LDB n.9394/96, art. 26 § 3º). Essa atribuição coloca à Educação Física, de acordo Gonzáles e Fensterseifer (2009), a necessidade de reinventar o sua forma de ensino na escola, constituída sob a forma de uma disciplina escolar, responsável por um conhecimento específico. Neste contexto a Educação Física vai se ocupar em:

Sistematizar e reelaborar criticamente aquilo que vem sendo, na história da humanidade, um campo de expressões culturais e que tem sido denominado de forma genérica, na literatura científica da área pedagógica da Educação Física, e também em diferentes propostas curriculares de estados e municípios brasileiros, de cultura corporal de movimentos e que se expressa, por exemplo, nas brincadeiras, jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, práticas de aventura urbana e na natureza e práticas corporais introspectivas (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 131).

A tarefa agora passa a ser um desafio para a Educação Física escolar, a qual deve repensar o saber dessa disciplina nas diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, e a buscar o diálogo com os conhecimentos produzidos nos componentes curriculares das demais áreas que compõem a proposta curricular. Ainda estaria colocada à Educação Física um terceiro desafio que é a tarefa de pensar e estruturar os objetivos de ensino aprendizagem, estratégias metodológicas, critérios e instrumentos de avaliação (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Arelado a estes desafios conceituais estariam presentes também as questões relacionadas à organização do tempo e dos espaços para as aulas de Educação Física. Em relação ao tempo pouco se modificou, a tradição voltada para a exercitação física considerando individualidades de sobrecarga e repouso ainda é reproduzida no campo escolar, sem muitos questionamentos, de modo que as aulas são realizadas normalmente em três dias da semana, de preferência intercalados, com duração de 45 minutos, raros são os casos das

⁵ Sua prática é facultativa ao aluno: I – Que cumprir sua jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior que trinta anos de idade; III – que estiver prestando o serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado a prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei 1.004, de 21 de outubro de 1996; V – (vetado); VI – que tenha prole (BRASIL, 2017, p.20).

⁶ Art.21. A educação escolar compõe-se de: I- educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (BRASIL, 2017, p. 17).

aulas faixas. Na compreensão dos espaços, de acordo com a Matriz curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Florianópolis constituem os seguintes desafios:

(i) ressignificação dos usos de quadras e ginásios, espaços que se tornaram historicamente centrais para as aulas de Educação Física, muito em função da hegemonia da prática do esporte como conteúdo quase que exclusivo da disciplina, quanto (ii) a utilização de outros ambientes escolares – mas também aqueles que estão nas imediações das instituições -, como sala informatizada e/ou de vídeo, laboratórios, salas de dança. Salas multimeios, bibliotecas e salas de aula etc (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.137).

Apesar de tais desafios postos sob a Educação Física, os objetivos específicos da mesma devem viabilizar aos alunos a apropriação crítica dos diversos conhecimentos e práticas corporais. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da instituição pesquisada a compreensão e assimilação não devem estar pautadas somente em atividades técnicas das práticas corporais, mas deve possibilitar o conhecimento teórico e prático a partir da mediação de conhecimento que o aluno já dispõe, de modo que estimule a criticidade do educando. A avaliação não deve reduzir-se a partes do planejamento, ou meramente medir qualidades físicas, comparar destrezas motoras ou classificar e selecionar alunos mais hábeis. A interpretação do processo pedagógico de modo contínuo e a valorização das individualidades dos sujeitos devem ser levadas em conta e compor a prática avaliativa dos professores de Educação Física na instituição (PPP, FLORIANÓPOLIS, 2016).

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A natureza da pesquisa em relação aos objetivos é descrito-exploratória, visto que procuro compreender e descrever as subjetividades dos sujeitos na construção dos usos e significados atribuídos aos espaços para as aulas de Educação Física. A pesquisa exploratória é vista como o primeiro passo para o trabalho científico, tendo por finalidade facilitar a delimitação da temática do estudo e na definição dos objetivos, de modo geral constitui um estudo preliminar para outro tipo de pesquisa, permitindo o aprimoramento de ideias e aprofundamento nos conhecimentos do universo pesquisado (SILVA; GRIGOLO, 2002).

A abordagem descritiva tem a finalidade de informar o pesquisador a respeito de fatos e opiniões, procurando correlacionar fenômenos ou fatos em um determinado contexto sem que haja interferência nos sujeitos ou no ambiente analisado (SILVA, GRIGOLO, 2002).

Foi utilizada para a análise de dados a abordagem de natureza qualitativa. Por meio desta, busco apreender as dimensões individuais e suas subjetividades, considerando relevantes os fatos sociais que os cercam.

3.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A escola pesquisada está localizada em um bairro da região central de Florianópolis, próximo a Universidade Federal de Santa Catarina. Destacam-se como locais de lazer do bairro um campo de futebol, uma cachoeira com piscina natural protegida por lei e um parque ecológico, que abrange uma área com aproximadamente 21 hectares de preservação.

A instituição pesquisada, de acordo com o histórico presente em seus documentos Políticos Pedagógicos (2017), deu início de suas atividades em 1956. Era uma escola isolada, ficava nas propriedades de um morador local, no ano seguinte por doação de um padre a escola foi construída no local que é hoje. Foi em 1975 que a escola começou a oferecer o Ensino Fundamental completo, antes disso eram somente a primeira etapa – na época 1ª a 4ª série. Dois anos depois, em 1977 a quadra de esportes foi construída e em 1985 a estrutura da escola ampliou-se para sete salas de aulas e ganho das demais salas que compõem o prédio escolar. Após um longo período sem reforma, a unidade pesquisada no final de abril de 2014 teve início a obra de reforma e cobertura da quadra. Com a conclusão da etapa da quadra a instituição por completa recebeu reformas na sua estrutura, o que consequentemente obrigou a escola a adequar-se nos espaços disponíveis.

Como bolsista do PIBID acompanhei junto à instituição as mudanças e adequações realizadas nos espaços da escola durante todo o período de obras, que ainda hoje, em menor medida e intensidade, ainda ocorrem na instituição. De forma que foi possível e ainda é em alguma medida, possível constatar que as apropriações dos espaços foram improvisadas e se diferem da sua constituição singular. Considerando, portanto, planta baixa da instituição descreve-se o espaço escolar:

[...] essa unidade possui oito salas de aula, além de sala informatizada, biblioteca e laboratório de Ciências, salas para secretaria, direção e APP (Associação de Pais e Professores) e sala de professores. Há quatro banheiros dedicados aos alunos, dois para os funcionários (ao lado da

quadra) e dois banheiros dentro da sala dos professores. Existem também cozinha, refeitório, despensa e área de serviço, além de duas salas de almoxarifado, incluindo aquela destinada para guardar os materiais e equipamentos de Educação Física. Há um pátio coberto, por onde se acessam as salas e o refeitório. [...] neste ambiente também há um bebedouro em metal, uma mesa onde geralmente há frutas a disposição dos alunos durante os recreios e lixeiras coloridas para coleta seletiva (COSTA, A. 2015, p.146).

Esta descrição está presente no trabalho de Costa (2015), na época o autor descreveu as condições e organização da área externa da escola. Na qual não se faz possível citar, pois atualmente encontra-se totalmente diferente, André na época já anunciava tal alteração: “Esse espaço, pelo que foi possível visualizar, será bastante alterado pela obra que está sendo realizada para a cobertura da quadra” (COSTA, A. 2015, 146). De fato essas mudanças ocorreram, hoje na área externa é possível acessar somente a quadra coberta, esta que ainda abriga três salas improvisadas destinadas ao material da Educação Física, serviços gerais e uma terceira como depósito. Na quadra é possível verificar a presença de diversos objetos como madeiras, bancos, lixeiras, brinquedos aleatórios e quebrados, traves deslocadas e outros. (DIÁRIO DE CAMPO, 19/10/2017). No pátio, recentemente restabelecido encontram-se duas mesas de tênis de mesa, um armário fechado com jogos, outro com algumas prateleiras e objetos como ursos, bonecas, lego etc. há também bancos, lixeiras e um bebedouro.

É um pouco dificultoso definir em descrições muito exatas, as mudanças espaciais que ocorreram ao longo dos últimos anos na instituição decorrente das mudanças constantes em consequência das construções e reformas que iam ocorrendo. De modo geral durante o período de reforma da quadra, as aulas de Educação Física e todas as atividades realizadas fora das salas tiveram que ser realocadas para o pátio interno da instituição, isto se deu aproximadamente por um ano e tornou dificultosa as intervenções e o desenvolvimento dos projetos por conta das limitações postas no espaço – além de dividir a disponibilidade do pátio com o outro professor de Educação Física o interior da instituição demandava certo fluxo de alunos, professores, funcionários e pais e demais demandas educacionais. No que se refere ao segundo momento, que é constituído pela reforma na estrutura do prédio escolar, a questão espacial foi totalmente reformulada. As salas de aula foram realocadas na nova quadra coberta. Na reorganização e adequação o novo espaço passou a suportar toda a demanda espacial da instituição, abrigou com simples divisórias improvisadas salas de aula, biblioteca, sala dos professores, direção e coordenação, além de abrigar um espaço “livre” com mesas de ping-pong, alguns jogos, e neste aconteciam também o recreio e as aulas de Educação Física.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A escolha pela turma 51 foi motivada pela aproximação com a turma no decorrer do primeiro semestre deste ano, resultante das intervenções realizadas como bolsista do PIBID na instituição. Apesar de não estar atuando mais neste campo, a turma continua recebendo a intervenção de bolsistas do projeto com orientação da professora supervisora na unidade.

A turma referida é do 5º ano do Ensino Fundamental do turno matutino. É constituída por 27 alunos, sendo 20 meninos e 7 meninas, com idades entre 10 e 11 anos. Um destes alunos da turma possui deficiência auditiva e autismo, é acompanhando durante o período escolar por uma intérprete que auxilia na realização das atividades bem como na comunicação com os colegas e professores. Do total de alunos desta turma 11 estudam na instituição desde que ingressaram no Ensino Fundamental.

Todos os alunos participaram da pesquisa na coleta de dados por meio da observação participante. Deste total, foram selecionados os 11 alunos que estudam na instituição desde seu ingresso na primeira etapa do Ensino Fundamental, na busca por um diálogo comum entre os entrevistados e as experiências vivenciadas na comunidade escolar de forma que se identifique a representação dos alunos sobre as aulas de Educação Física na instituição.

A partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 4 foram as crianças que participaram da entrevista. São identificados nesta pesquisa pela ordem de apresentação no momento da mesma, e identificados pelo gênero (ALUNO 1, ALUNO 2, ALUNA 3, ALUNA 4). Com base nas apresentações pessoais constatou-se que os ALUNOS 1, 2 e ALUNA 4 possuem 11 anos de idade e o ALUNO 2, 10 anos de idade. Todos residem no mesmo bairro em que está localizado a escola, com exceção da ALUNA 2, que mora em um bairro próximo.

Teria sido interessante ter como dados de pesquisa os relatos do aluno com surdez e autismo, no entanto a barreira encontrada para a comunicação com ele foi um fator extremamente limitante. Os principais fatores foi a comunicação do aluno pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ser bastante limitada, e pela ausência da intérprete em parte das aulas de Educação Física observadas, o que impossibilitou também um diálogo no dia em que os alunos foram informados sobre a entrevista coletiva. De modo geral o aluno permanece no mesmo espaço dos demais durante as aulas, mas ao longo das atividades desvia-se e normalmente vai à sala de Educação Física em busca de materiais como bolas, cordas e bambolês, estes que normalmente são cedidos a ele sem resistência dos professores.

Por fim, identifica-se que os alunos do 5º ano são concluintes da etapa básica da educação. Nesta etapa, de acordo com os objetivos educacionais da instituição, os alunos já teriam a capacidade de interpretar e identificar representações pessoais. A partir desta condição, acreditou-se ser possível estabelecer um diálogo para identificar o que verbalizam sobre as aulas de Educação Física a partir das apropriações e experimentações vivenciadas nas práticas pedagógicas, durante o curso de toda a primeira etapa Ensino Fundamental na instituição.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.4.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O ato de observar é uma das formas mais utilizadas pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, os objetos, os acontecimentos e as situações. A observação se deve a utilização dos sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade, e é a partir dessa ação que se cria uma noção real do que será estudado. A observação participante representa a inserção do pesquisador na realidade que será estudada, fazendo parte do grupo ou comunidade por certo período de tempo, favorecendo as interações sociais e o acompanhamento da rotina (QUEIROZ; VALL; SOUZA; VIEIRA, 2007).

A observação participante nesta pesquisa foi realizada em um período de 3 semanas, na qual acompanhei a turma durante as aulas de Educação Física junto da presença do professor da disciplina. Tive como referência norteadora um roteiro semiestruturado, com perguntas e observações que direcionaram o meu olhar no decorrer das aulas. As informações coletadas foram registradas no diário de campo que constituiu um importante instrumento de coleta.

Informações sobre os espaços onde as aulas ocorreram, as temáticas desenvolvidas pelos professores, a forma com a qual os alunos ocupavam os espaços e a relação estabelecida entre professor e aluno, além das formas em que se organizavam as aulas – chamada, saídas, início e fim da aula constituíram as descrições registradas no diário de campo.

3.4.2 ENTREVISTA COLETIVA

Com a finalidade de tentar compreender os significados que expressam o ponto de vista das crianças, optei pela realização da entrevista semiestruturada, que pode ser caracterizada como uma forma de interação social com a valorização do uso da palavra, permitindo uma melhor compreensão de determinada realidade, na qual há um processo ativo de trocas verbais e não verbais entre pesquisador e pesquisado (FRASER; GONDIM, 2004).

A opção pela realização da entrevista coletiva se deve à contribuição que esse processo possui para o desenvolvimento de novas descobertas e trocas entre os participantes, na formação de novas ideias, possibilitando respostas em grupo ao invés das individuais, permitindo, dessa forma, a exploração de como os fatos são articulados, censurados e discutidos, fugindo da padronização das respostas (DEBUS, 1997).

Para dar apoio à entrevista de grupo focal, foi utilizado um roteiro semiestruturado para que o objetivo da pesquisa pudesse ser alcançado. O roteiro foi dividido em três eixos de perguntas: 1) Espaços da Escola 2) aulas de Educação Física 3) espaços físicos para as aulas de Educação Física. Cada eixo foi estruturado a partir de uma série de perguntas que foram sendo realizadas em forma de conversa, sem seguir uma ordem estática, mas considerando as contribuições e apontamentos presente nas falas dos alunos de maneira dinâmica.

A entrevista foi registrada com o auxílio do gravador de áudio de uma câmera digital e pelo aplicativo de gravador de voz de um celular, para a posterior transcrição. Os dados coletados foram organizados a partir dos três eixos pré-estabelecidos de perguntas, e posteriormente categorizados na forma de progressão das informações (i) o que relatam sobre o período antes da creche, (ii) chegada dos alunos na instituição, (iii) durante o período intenso de reforma e momento atual.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Foi encaminhado aos alunos da turma pesquisada o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para que fossem dirigidos aos responsáveis legais dos mesmos. O TCLE foi apresentado e explicado aos alunos para que os mesmos também pudessem compreender e manifestar seu interesse ou não em participar da coleta de dados por meio da entrevista coletiva.

Ao consentir a pesquisa os pais deveriam ler e assinar o referido documento, autorizando assim a participação. Os alunos terão seus nomes preservados e mantidos em anonimato. Os participantes, os responsáveis legais e a instituição de ensino terão acesso aos dados obtidos e analisados nesta investigação.

3.6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Com a intenção de pesquisa elaborada, me dirigi à instituição de ensino para apresentar e solicitar a autorização para a realização da mesma, por parte da direção, coordenação de ensino e professora de Educação Física para que a escola pudesse ser o campo educacional de estudo e discussão. A autorização foi consentida, tendo como procedimento a solicitação junto à Secretaria de Educação de Florianópolis, que de maneira positiva aprovou a pesquisa.

As observações das aulas de Educação Física iniciaram no dia 19 de setembro de 2017. As aulas na turma 51 acontecem em dois dias da semana e possuem sua organização temporal diferenciada, na terça-feira aula de 45 minutos de duração e na quinta-feira a aula é dupla, uma seguida da outra, totalizando 90 minutos de duração.

Quando as observações iniciaram, terça-feira, a aula estava sendo realizada na sala informatizada (sala que possui computadores e materiais tecnológicos). A atividade realizada era avaliativa, nesta os alunos deveriam elaborar um trabalho sobre o histórico de alguma modalidade do esporte paralímpico. Tal atividade teve sua continuidade nas três aulas seguintes, duas na quinta-feira e uma na terça-feira, dia 21 e 26 de setembro.

No dia 28, quando chego à instituição para a continuidade das observações, fui informada que a professora não estava presente e que se encontrava na condição de afastamento por um período de aproximadamente 30 dias. Os bolsistas do PIBID chegaram em seguida, e surpreendidos pela notícia se propuseram a intervir, já que este era o dia combinado em reiniciar suas intervenções na turma referida, ao contrário do que se propôs, a escola não consentiu tal intervenção, visto que não se pode intervir sem o acompanhamento do supervisor na unidade. Assim sendo, os alunos da turma ao invés de aula de Educação Física, tiveram a aula ocupada pela chamada “aula livre”, ministrada pelo professor do laboratório de ciências. De acordo com a conversa realizada com este professor, na ausência de algum professor e do auxiliar na instituição, ele deve ficar responsável em ministrar a aula, de forma que os alunos “não percam a aula”. Esta aula aconteceu na quadra, onde com

materiais como bolas, cordas, arcos e de forma livre os alunos se dividiram no espaço e realizaram brincadeiras e jogos de forma própria, e de acordo com suas escolhas. O professor acompanhou a aula na lateral da quadra, e durante a aula realizou pequenas intervenções, apenas para apaziguar pequenos conflitos.

Na terceira semana de observação novos acontecimentos, um professor substituto de Educação Física chegou à escola. Encontrei os alunos já a caminho da quadra, o professor estava um pouco confuso e não tinha conhecimento da divisão e organização espacial para as aulas de Educação Física na instituição, nem referente às turmas em que iria atuar, tão pouco teve acesso ao planejamento da professora, aos relatos de intervenções anteriores ou outras informações que pudessem subsidiar sua atuação na unidade. O professor substituto em quadra pediu para que os alunos se organizassem em círculo, e iniciou a introdução do Atletismo, com perguntas referentes à corrida. Houve certa resistência dos alunos para o início das atividades, alguns expressaram que “preferia a professora...” (DIÁRIO DE CAMPO, 03/11/2017).

Na aula seguinte, quinta-feira, ocorreu a realização do colegiado de curso na instituição. Neste momento os educadores da escola se reúnem com o objetivo de realizar uma análise, reflexão e avaliação do processo de ensino/aprendizagem dos alunos, buscando contribuir para o desenvolvimento do educando, e por conta disso, as aulas são suspensas. A quadra permanece vazia nestes momentos.

Concluindo este período de observação foi constatado que em um período de 3 semanas apenas 4 intervenções pedagógicas de Educação Física foram ministradas. Isto é, de 9 aulas que deveriam ter sido realizadas, apenas 4 ocorreram de fato. Apesar deste quadro, não foi possível observar qualquer preocupação por parte da escola para que essas aulas fossem repostas. A substituição por outras aulas, ou a permanência dos alunos em atividades que ocupassem o tempo durante a ausência do professor de Educação Física era manifestada como a maneira adequada para suprir a ausência da aula. Em nenhum momento foi notada a preocupação em repor as aulas perdidas ou em dar continuidade no planejamento da professora da instituição, isto pode ser observado com a chegada do professor substituto, que iniciou as intervenções sem receber informações básicas para a continuidade do que já havia sendo desenvolvido, dando início a um novo conteúdo.

Quanto à entrevista coletiva, busquei junto à coordenação de ensino, registros dos alunos da turma que tivessem efetuado a matrícula na instituição a partir do seu ingresso inicial no Ensino Fundamental, isto é, aqueles alunos que estariam na escola desde o 1º ano. Após este levantamento, no dia 10 de outubro, ao final da aula de Educação Física, na quadra,

informei que precisaria conversar com determinados alunos, e pedi-lhes que aguardassem naquele espaço enquanto os outros alunos retornassem com o professor para a sala. Na quadra, sentados em um pequeno círculo relatei para os alunos a minha intenção de pesquisa na escola, um pouco da minha trajetória acadêmica e também enquanto bolsista na instituição. Apresentei o TCLE e expliquei os dados contidos, bem como a importância de que, conforme o interesse na participação, das assinaturas dos responsáveis.

O planejamento era de que a entrevista coletiva ocorresse no dia 19 de outubro, mas ao conferir as autorizações neste dia, apenas 3 alunos tinham levado o termo devidamente preenchido e assinado. Deste modo optei por reforçar o convite e a importância da pesquisa, e informei que poderiam trazer no dia seguinte, no qual, sem mais adiamentos, ocorreria a entrevista. Buscando assim, a participação de pelo menos mais um ou dois alunos.

No dia 20 de outubro, na sala do apoio pedagógico, 4 alunos (2 meninos, 2 meninas), com permissão da direção, professora de sala e responsáveis, participaram da entrevista coletiva. Estes me acompanharam até a sala e dispostos sentados em uma mesa redonda, apresentei a organização na qual seria realizada a entrevista, ressaltando que poderiam responder todas as perguntas de acordo com suas convicções pessoais, que não seriam avaliados como certo ou errado, e que suas identidades não seriam reveladas.

Os alunos se apresentaram informando seus nomes, idades, e local onde moram. Apesar de serem estimulados e questionados da mesma maneira, os alunos tiveram participação diferenciada: os ALUNOS 1 e 2 tiveram uma comunicação bem mais desenvolvida, enquanto a ALUNA 3 complementava a partir das falas dos colegas, e a ALUNA 4 pouco se expressou, normalmente apenas respondendo “sim”, “não”, concordando ou discordando com a fala anteriores.

Todo o procedimento de coleta teve duração de aproximadamente 1 hora, o tempo de áudio que configura o período de perguntas e respostas foi de 42 minutos.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

Analisar significa trabalhar todos os dados, os relatos, as transcrições, os documentos e as observações que foram obtidas ao longo da pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Para a análise desta pesquisa os dados das observações e entrevista foram organizados e sistematizados em eixos de afinidades, procurando encontrar os pontos de aproximação e diferenciação sem perder de vista o contexto em que elas se encontram.

Estes foram realizados em dois momentos, primeiramente pretendeu-se apresentar e descrever os espaços de Educação Física e onde ocorram as aulas observadas e os que as crianças dizem sobre eles durante a aula e na entrevista coletiva; e em segundo, a análise sobre a escola e a Educação Física no currículo escolar: aulas não ministradas, mudanças de professores, falta de currículo e continuidade.

4. DISCUSSÃO

Tendo como base as observações e entrevista coletiva, e de acordo com os objetivos desta pesquisa, os dados e resultados serão discutidos em seguida buscando apresentar e descrever os espaços físicos que os alunos identificaram, e ainda, pretende-se avaliar a representação que construíram sobre a Educação Física a partir das relações com a disponibilidade dos espaços.

4.1 OS ESPAÇOS FÍSICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No campo de estudo desta pesquisa foi observado que as práticas pedagógicas de Educação Física acontecem nos espaços físicos da quadra de esportes, salas de aula, pátio e laboratório de informática.



FIGURA 1 - Aula de Educação Física no espaço físico da quadra

Na intenção de analisar a representação do espaço físico da Educação Física, a partir do olhar dos 4 alunos entrevistados, foi levada em consideração a experiência e percepção destes, sobre os espaços da creche no período da Educação Infantil, anterior ao ingresso no Ensino Fundamental na instituição observada.

O espaço é um item presente nos documentos que regem o Ensino Fundamental, nos quais percebe-se a necessidade de reorganização e adequação de equipamentos, mas sem compreender o mesmo enquanto um fator ativo no desenvolvimento dos alunos e práticas pedagógicas. Diferentemente do que é encontrado nos documentos da Educação Infantil, o qual é concebido como um elemento educativo e essencial no processo de desenvolvimento da criança (BRASIL, 2009). Para as autoras Silva e Damazio (2008), as prescrições dos órgãos oficiais que abordam tais preocupações com o espaço físico estariam mais atreladas com a relação custo benefício, atender mais alunos com custos cada vez menores, do que em investimento em condições humanas e educacionais de fato. O espaço na escola pouco leva em conta a realidade e anseio dos alunos, o autor ressalta que “a escola parece se organizar para si mesma, como se a instituição em si tivesse algum sentido” (DAYRELL, 1999, p. 26).

Foi possível conhecer um pouco da relação espacial que os 4 alunos entrevistados tiveram com os espaços da Educação Física na Educação Infantil. Estes, que estudaram na mesma creche do bairro durante o período da Educação Infantil e ingressaram no Ensino Fundamental juntos, compartilham de lembranças semelhantes deste período. As lembranças remetem aos espaços em ambientes abertos e ao ar livre, conforme dados coletados na entrevista coletiva:

PESQUISADORA: *“Vocês lembram dos espaços das aulas de Educação Física? Lá na creche tinha espaço para Educação Física?”*

TODOS: *“Tinha, tinha!”*

PESQUISADORA: *“Qual era?”*

ALUNO 2: *“Era dentro de um mato, tinha uns tronquinho de madeira”.*

ALUNA 3: *“Se a gente saísse pela trilha, a gente já saia fora. Saia lá num velhinho [risos].”*

ALUNO 2: *“Agente brincava de pular nos tronquinho, tinha corda, maioria tentava subir as árvores!”*

PESQUISADORA: *“O espaço da creche era diferente daqui? Lá era em ambiente livre, não tinha quadra lá?”*

TODOS: “*Não, não.*”

ALUNO 2: “*Tinha um monte de árvores cortadas, a gente ficava pulando, brincando nessas árvores.*”

ALUNA 3: “*Tinha lagarto lá.*”

PESQUISADORA: “*Tinha parquinho?*”

ALUNO 2: *Não tinha, só um monte de mato tinha lá!*

Nas falas das crianças há relação entre o espaço físico e simbólico. Esta se encontra tão entrelaçada que ao relembrar e descrever os espaços físicos da creche, os mesmos já discursam sobre as práticas que eram vivenciadas nos determinados lugares. Frago (2001) explica um pouco essa relação, quando afirma que:

[...] todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços se não lugares, isto é, espaços elaborados, construídos. Espaços como significados e representações de espaços. Representações de espaços que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica (FRAGO, 2001, p.78).

A Educação Física no ambiente escolar de acordo com Oliveira et al (2011), está associada a prática esportiva, devido as disposições espaciais e os materiais destinados e entendidos como os da Educação Física que normalmente são as quadras e ginásios poliesportivos.

Diante das percepções vivenciadas na creche, anteriormente ao ingresso no Ensino Fundamental, os alunos conseguiram estabelecer algumas comparações no que se refere às diferenças dos banheiros: fora de sala e dividido por sexo, a presença marcante de espelhos:

ALUNO 2: “*Tinha muito espelho, cada box tinha um espelho.*”

Quando falaram das salas lembram que tinham em bastante quantidade na creche, mas não as caracterizam. No que se refere ao espaço da instituição como um todo o **ALUNO 1** descreve: “*Dai minha turma começou a falar como a escola era grande né? Que é maior que a creche né? Que a creche é um espaço meio reduzido. Aqui a escola é maior.*”

No início de intervenção desta pesquisa, a escola estava retornando ao seu espaço habitual, após um período prolongado e intenso de obras que se estendeu por quase 3 anos,

isto é, todas as turmas nas suas respectivas salas, bem como a secretaria, coordenação, apoio pedagógico, sala dos professores, além do refeitório, biblioteca e sala multimídia. O entorno da quadra ainda está com acesso interditado e continua em obras. A quadra não está completamente disponível, e é atualmente o principal acesso ao prédio escolar.



FIGURAS 2 e 3: Entrada da quadra pelo interior da instituição e a lateral, ainda em obras.



FIGURAS 4 e 5 - Espaço da quadra e a presença de divisórias improvisadas.

Os alunos relatam as limitações colocadas de uso dos espaços durante o período intenso de construção e reforma na instituição, os espaços que restavam eram praticamente mínimos e as possibilidades de movimento foram consequentemente reduzidas, o que foi vivenciado como um período maçante e desinteressante, conforme relatos:

PESQUISADORA: *“Durante o período de reforma, como foi?”*

ALUNO 1: *“Chato, muito chato! A gente não podia brincar de nada.”*

ALUNO 2: *“Não podia fazer nada. Tinha que ficar só aqui (pátio).”*

ALUNO 1: *“Nem correr.”*

ALUNO 2: *“Se corresse um pouquinho e a professora pegasse ou ia pra direção ou ficava quieto.”*

ALUNA 3: *“Ou ficava andando por aí, ou ficava quieto sentado.”*

ALUNO 2: *“A única coisa que podia fazer era ficar parado, ou jogar ping-pong.”*

ALUNA 4: *“Ou pular corda!”*

Quando questionados sobre as mudanças que vivenciaram nesse período, o que lembram se refere à relação de mais liberdade e possibilidades que estabeleciam com tais espaços:

ALUNO 1: *“Falta um monte ainda, no recreio “nois” não pode ir na quadra. Tinha que poder ir na quadra quem quisesse!”*

ALUNA 4: *“E ainda tem um espacinho pra cá que a gente brincava.”*

ALUNA 3: *“O, a gente fazia uma pega-pega... credo!”*

ALUNO 1: *“É a escola era grande quando não tinha a reforma.”*

ALUNO 2: *“E o mini parquinho. Tinha uma roda lá, que todo mundo ia, metade das pessoas que iam lá ia correndo no banheiro vomitar.”*

TODOS: *[risos]*

Percebe-se que durante este momento conturbado que ocorreu na instituição os espaços considerados pelos alunos de lazer foram praticamente excluídos, sem que houvesse uma necessidade ou uma preocupação de serem readaptados e disponibilizados a eles. Há uma grande carência na relação lazer e educação, ausência de tempos e espaços escolares alternativos para o ensino da Educação Física, e também para a prática de jogos e brincadeiras. O que seria um dos principais fatores que acabam negligenciando o lazer como conteúdo cultural dentro das instituições, carência essa que é fortemente manifestada na fala das crianças. A escola deveria ser um espaço rico em termos de estímulos para experiências espaciais, oferecendo uma infraestrutura compatível com o desenvolvimento dos alunos (SILVA; DAMAZIO, 1999).

Vale destacar que durante a entrevista os alunos expressam repetidamente em suas falas a sua relação com o espaço a partir da brincadeira, na estreita relação de ausência e/ou presença. Para Vygotsky (1991 apud Cordazzo, Vieira, 2017), o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, no processo de simbolização e de construção de representações.

Considerando a brincadeira uns dos principais meios pelo qual a criança conhece e se relaciona com o ambiente, e a partir dos discursos coletados observa-se que os espaços em que essa ação acontece são os mais lembrados pelos alunos. Para justificar tal afirmação

considero as recordações dos alunos, nas quais em grande medida quando indagados sobre o período de reforma as principais perdas sentidas foram em relação a estes, de modo que as lembranças das adaptações no que se refere às salas de aula, biblioteca, sala informatizada e refeitório, por exemplo, são sobrepostas as recordações da perda dos espaços do pátio, parquinho, quadra e seu entorno. Conforme as falas:

PESQUISADORA: *“Vocês acham que a escola mudou desde que vocês chegaram aqui?”*

TODOS: *“Mudou, mudou”*

PESQUISADORA: *“Tem alguma coisa que vocês gostam muito, que não tinham quando vocês chegaram?”*

ALUNA 4: *“A quadra!”*

ALUNA 3: *“Tinha um parquinho, agora não tem mais. Quando a gente chegou não tinha, daí colocaram pra gente brincar...”*

ALUNO 1: *“Daí fizeram e depois desmontaram de novo pra fazer a quadra.”*

ALUNO 2: *Eu gostava mais quando era sem o teto!*

PESQUISADORA: *“Ah é? Por quê?”*

ALUNO 2: *“Nóis brincava um monte lá dentro da quadra. Agora a gente não pode brincar muito.”*

ALUNA 3: *“Mais suava, credo! Igual condenado...”*

ALUNO 2: *“É, quando a gente chegava na escola tinha um monte de grandão brincando lá. Agora não brinca mais ali.”*

ALUNA 3: *“A gente brincava de pega-pega, sempre brincava. O, escalava ali também [risos].”*

Isso se repete também quando perguntados sobre o que esperam para depois que toda a obra seja finalizada:

PESQUISADORA: *“E agora já melhorou um pouco, vocês acham?”*

ALUNA 3: *É, mais ou menos.*

ALUNO 2: *“É a gente já consegue correr um pouquinho.”*

ALUNO 1: *“A gente espera né, que melhore.”*

PESQUISADORA: *“O que vocês esperam que melhore?”*

ALUNO 1: *“A questão da quadra! Eu não paro de pensar na quadra...”*

ALUNA 4: *“Aumentar o espaço.”*

Fez-se importante apresentar e discutir os momentos vivenciados e experimentados pelas crianças até os dias de hoje, considerando que o espaço físico é compreendido a partir das representações sociais construídas pelos sujeitos sociais através do tempo. Observamos a existência do conjunto de normas e padrões que homogeniza e delimita as ações institucionais, há também como consequência desta relação, uma constante apropriação própria constituída por eles, referente a tais normas, práticas e saberes colocados. São essas relações que passam então a constituir o cotidiano escolar (OLIVEIRA; SILVA; NETO, 2011).

A partir das recordações e relatos dos alunos entrevistados, foi possível identificar as representações, e diria também expectativas, que os mesmos têm sobre as aulas de Educação Física na etapa do Ensino Fundamental. Bernard Charlot (2009) nos adianta algumas representações e expectativas dos alunos sobre as aulas de Educação Física, de acordo com suas constatações:

Uns reclamam da Educação Física, por ela ser rotineira. Poder-se-ia dizer que deste ponto de vista, a ambição identitária é satisfeita: a Educação Física é vivenciada por esses alunos como tão chata quanto as demais disciplinas. Outros percebem a Educação Física como recreativa. Desta vez, a ambição é satisfeita: se os alunos sentem prazer em Educação Física, esta não pode ser uma disciplina como as demais, séria e educativa. Outros terceiros esperam da Educação Física mais saúde e beleza, o que é considerado uma concepção redutora por quem sustenta a tese da disciplina igual às outras. (CHARLOT, 2009, p. 233)

Tais considerações são pertinentes e considerando essas afirmações, pode-se dizer que de acordo com os alunos entrevistados a Educação Física na instituição vem se revelar através de uma expectativa e representação na forma recreativa, constituída por brincadeiras e transpassada também pelo prazer e pela liberdade de escolha.

Quando questionados sobre as disciplinas que mais gostam, a Educação Física está presente em todas as falas⁷. Perguntei-lhes então se esta aparecia por que gostavam mesmo, ou porque estavam participando da pesquisa, a resposta dos alunos se deu naquele momento em relação as suas expectativas sobre e para a disciplina:

ALUNO 2: “*Sim né!? É hora de brincar!*”

ALUNO 1: “*Ah claro né! Educação Física a gente não faz nada só correr e brincar.*”

⁷ Por segundo aparece Português e Ciências. Matemática, história e geografia aparecem somente uma vez.

ALUNO 2: *“É, “mais” de vez em quando tem que escrever...”*

ALUNO 1: *“Não, é! Quando a Professora dá bronca aí tem que escrever... só isso.”*

ALUNA 3: *“Só quando não é aula de escrever.”*

ALUNO 2: *“Não, daí acabou meu dia! E toda minha felicidade.”*

PESQUISADORA: *“E o que vocês acham quando tem que escrever nas aulas de Educação Física?”*

ALUNA 3: *“Muito chato!”*

ALUNO 1: *“Chato, muito chato!”*

ALUNO 2: *“Eu prefiro brincar!”*

ALUNA 3: *“Eu prefiro aprender jogando mesmo.”*

ALUNO 1: *“Eu também!”*

ALUNO 2: *“É, mais vale aprender brincando que escrevendo.”*

Tais características, atribuídas pelos alunos e também desafiadoras de se romper, são fundamentadas pela compreensão que considera a Educação Física enquanto disciplina escolar por meio da organização dos tempos e avaliações. No que se refere ao espaço, a Educação Física não seria escolar, isto porque o lugar onde as aulas normalmente acontecem não é o espaço da sala de aula. Nestes espaços constituem-se as percepções de modo que: fora desses espaços as aulas de Educação Física deveriam ser constituídas por “momentos de libertação, de alívio dos constrangimentos e ganham formas “recreativas” (CHARLOT, 2009, p.235). Além disso, de acordo com o autor, as intervenções realizadas em sala colocariam a Educação Física em igualdade às demais disciplinas, e a desviaria do “fazer com” para o “falar de”. Este “falar de” é que configura e organiza as disciplinas como escolares, e as legitimam enquanto conhecimento pedagógico. Os alunos foram então questionados sobre as aulas de Educação Física quando ocorrem nas salas de aula, e descrevem um pouco a perda de possibilidades de movimento e do brincar::

PESQUISADORA: *“Quando o professor chega e diz que a aula vai ser na sala, o que vocês acham?”*

ALUNO 2: *“A maioria das pessoas preferem, e a maioria não... Porque tem gente que prefere a quadra, tem gente que prefere a sala.”*

ALUNO 1: *“Eu prefiro a quadra, por exemplo. Porque tem mais espaço pra todos, e todos...”*

ALUNA 3: *“A gente fica muito tempo sentado.”*

ALUNA 2: *“Na quadra tem mais espaço pra jogar bola essas coisas, e quando é sala não pode brincar de bola essas coisas. E esse é o ânimo.”*

ALUNO 1: *“É não pode, só montar e jogar jogos.”*

ALUNA 4: *“A gente fica quase mil anos sentados também...”*

De acordo com Dayrell (1999) quando observamos a sala de aula, em um primeiro momento o que se vê é a “chatice” (grifo do autor), uma rotina asfixiante, estática. Mas para além dessa impressão há também uma dinâmica e complexa rede de relações entre os alunos e professores, “num processo contínuo de acordos, conflitos, construção de imagens e estereótipos, num conjunto de negociações, onde os próprios atores, alunos e professores, parecem não ter a consciência da sua dimensão” (p. 19).

Para boa parte dos professores na sala de aula existe uma relação simples e linear entre professores e seus alunos, onde estes sujeitos são homogeneizados aos mesmos interesses e necessidades. O espaço de sala de aula pode ser visto também como de maior autoridade por parte do professor em relação aos seus alunos, em que estes podem ser “controlados” (DAYRELL, 1999). Com base nas falas relatadas identifica-se que a representação por parte dos alunos sobre o espaço da sala de aula vai de encontro com esta perspectiva dos professores, na medida em que a sala de aula aparece como um espaço onde não se pode brincar de nada, nem com bola, nem de correr, falta espaço e não permite movimentação, apenas joguinhos estáticos, um espaço onde se deve permanecer sentado, o que para os alunos é desinteressante e não vai ao encontro de suas expectativas de brincadeira e recreação.

Após as perguntas referentes aos espaços físicos da instituição, questionei os alunos se havia a apropriação do entorno da escola com possibilidade de espaço para as aulas de Educação Física, que de acordo com a Matriz Curricular da Rede Municipal configuram-se como uma possibilidade de aproximação e apropriação para a realização das práticas pedagógicas de Educação Física. No entanto, nem sempre elas ocorrem, e de acordo com os alunos desta turma, não houve esta relação:

PESQUISADORA: *“Vocês já tiveram aula de Educação Física fora da escola?”*

ALUNO 1: *“Não, falaram que nois ia ter. Falaram, falaram, falaram.. E a gente nunca teve.”*

ALUNO 2: *“Nunca teve!”*

ALUNA 4: *“Nunca.”*

ALUNA 3: *“Foi no começo do ano passado que falaram, mas nunca teve.”*

Na pesquisa realizada por Costa (2015), ele questiona os professores sobre as apropriações dos espaços externos à escola para a realização das aulas. De acordo com os dados levantados por ele, fica evidente que há uma dificuldade ou uma desmotivação para tal realização. Questão como turmas numerosas, falta de controle sob os alunos, falta de segurança, a preferência por evitar possíveis riscos e o fato de que a iniciativa sempre tem que partir do professor que nem sempre recebe apoio da escola ou de outros colaboradores - como policiais de trânsito, transporte e outros, aparecem como principais fatores para as ausências.

O autor apresenta outras referências de pesquisadores que percebem discursos sociais que compreendem a escola sob a perspectiva de um lugar “como reduto de segurança, cercado, em que todas as crianças estão ao alcance da vista e das mãos, de modo que os riscos são minimizados”. As reflexões feitas na pesquisa aponta certa contradição vista nos discursos dos professores, pois quando se considera o entorno da escola como inseguro e inapropriado para que se estabeleça uma relação de apropriação ou de utilização, cria-se certo afastamento entre a realidade dos alunos e as pautas escolares. Desconsiderando assim, a construção histórico social e cultural de cada indivíduo (aluno), que também se constrói e estabelece relações nos espaços externos à escola.

Por fim, encerro a discussão trazendo as falas dos alunos que descrevem o espaço que gostariam de ter nas aulas de Educação Física. Em um primeiro momento eles pouco ousaram em sonhar e idealizar os espaços que gostariam de ter a disposição para as aulas, o que se percebeu foi a representação de um espaço ideal a partir das experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física durante a primeira etapa do Ensino Fundamental, sendo os seguintes:

PESQUISADORA: *“Se vocês pudessem escolher um lugar para ter aula de Educação Física, como seria esse lugar?”*

ALUNO 1: *“Um espaço bem grande, mais bem grande pra colocar mesa de ping-pong, tipo jogos, um armário pra jogos, ou um... Uma pequena sala com tipo bola de vôlei, bambolê, corda, perna de pau. Porque antes quando nois era da terceira série nois também andava, praticava perna de pau...”*

ALUNA 3: *“Uma quadra grande.”*

ALUNO 2: *“Pra mim teria uma sala gigante. Um armário pra jogos de tabuleiro, essas coisas também vai ter uma salinha pra colocar várias coisas, corda, bambolê, perna de pau. Se quiser a gente pode colocar lá também ping-pong, trave pra jogar futebol, rede pra jogar vôlei, um negocinho de basquete...”*

ALUNO 1: *“É um mini espaço pra jogar basquete!”*

ALUNA 4: *“Uma quadra grande.”*

Ao longo da entrevista e das diferentes perguntas, os alunos foram sonhando estes espaços com as particularidades individuais se distanciando um pouco das concepções de Educação Física da instituição, mas considerando seus gostos e sonhos. Estas que são apresentadas em recortes, por terem sido verbalizados no decorrer da entrevista:

ALUNO 1: *“Eu ia querer uma piscina pra aula de Educação Física. Se o professor quisesse dar natação, nois tivesse tendo uma aula de natação tinha que ter uma piscina, pra quem não soubesse nadar o professor ensinava. Agora pra fazer, eu queria ter tempo pra jogar futebol, muito futebol. Eu acho que não tem muito tempo na escola pra jogar futebol.”*

ALUNA 3: *“Não sei... Um espaço pra tênis.”*

ALUNO 2: *“Eu ia colocar um negócio de bolinha, um pula-pula e uma piscina! Um escorregador também.”*

ALUNO 1: *“Ah já que é assim, eu colocaria um fliperama.”*

ALUNA 3: *“Ai sim seria legal!”*

Fundamentado no imaginário dos alunos, se percebe uma expectativa de que o espaço escolar e todo seu cotidiano seja composto por mais elementos lúdicos, permeados pela presença do brincar, do se divertir. Mas, pela rotina que vivenciam, os alunos já identificam as limitações e disciplinamentos postos que pouco a pouco excluem estes anseios e substituem pelo conhecimento sistematizado, sério e estático. No que se refere à Educação Física, a realidade não é diferente. Foi possível perceber que esta expectativa de diversão por meio das práticas de brincadeiras e jogos compõe as representações dos alunos sobre as aulas deste componente curricular, mas também já identificam sua impossibilidade, expressadas através da forma com a qual se organiza e é desenvolvida na instituição. Apesar de ainda expressar algumas problemáticas como a falta de planejamento, continuidade de conteúdo e ausência de professor, a Educação Física é vista como uma disciplina onde os conhecimentos e forma usual dos espaços são ditados e organizados pelo professor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!

(Mário Quintana)

Apesar de já ter uma relação aproximada com a instituição e com os alunos da turma 51, o exercício de pesquisar se fez um elemento enriquecedor, pois tive a oportunidade de estabelecer um olhar diferenciado para a realidade, este que já havia se tornado uma percepção familiarizada, e por isso, alguns elementos já passavam despercebidos. O método da entrevista, o escutar a voz das crianças também constituiu-se como um importante viés para compreender sob outra ótica a relação com os espaços institucionais.

Para além do campo escolar, pude refletir sobre área de conhecimento com a qual escolhi estudar e me formar. Foi possível refletir com mais profundidade e embasamento a respeito dos desafios da Educação Física na escola, assim como suas potencialidades e contribuição no processo de formação dos alunos.

Percebi que há um conflito permanente entre os saberes institucionais e suas intenções, e as ambições e anseios dos alunos. Há uma resistência por parte das crianças às regras e normas e uma tarefa insaciável em colocar “tudo em ordem” por parte dos professores.

A Educação Física com objetivo de se firmar no campo educacional penetra neste conflito, por parte dos alunos uma busca por um momento de descontração, diante de tantas aulas teóricas em que permanecem sentados e de preferência em silêncio. Por parte dos professores, um interesse por legitimar-se, por estabelecer o ensino de um conteúdo específico, com saberes e organizações próprias. Percebemos então, a Educação Física mais do que as outras disciplinas, talvez pelo seu histórico e por constituir-se fora das salas de aula, como sendo o espaço onde as crianças despejam a necessidade de se movimentar, de brincar e também de apropriação de diferentes espaços institucionais, principalmente no caso da escola pesquisada, em que os espaços não são vistos pelos alunos como deles, quem escolhe e

determina os usos são os professores e demais educadores da instituição, apesar de haver sim uma apropriação própria que nem sempre condiz com as expectativas institucionais.

O curto tempo de observação e o baixo número de alunos entrevistados são alguns fatores limitadores desta pesquisa. A ausência do professor de Educação Física, as aulas não ministradas, a falta de continuidade das aulas também podem ser citados. O interessante seria estabelecer um período mais extenso de observações e acompanhar os alunos não só nos momentos das aulas de Educação Física, mas identificar suas relações nos outros tempos e espaços na rotina escolar. A observação de demais turmas e a entrevista com um maior número de alunos contribuiriam para uma melhor e mais ampla compreensão sobre as apropriações e singularidades com que os alunos estabelecem suas relações pessoais e sociais neste espaço institucional.

O desafio enquanto professora da disciplina de Educação Física é ressignificar a prática pedagógica buscando a legitimação, a valorização de diferentes conhecimentos da cultura corporal de movimento sem que se perca a identidade peculiar dessa área do conhecimento. A aprendizagem deve ser facilitada por meio de diversas estratégias, não somente pela teoria e do “falar sobre” dentro de salas com carteiras enfileiradas, mas também através do corpo, da experimentação, do fazer e conhecer pelo corpo em diferentes locais e buscando explorar os diferentes espaços disponíveis. E ainda, debater e refletir junto aos alunos quais seriam os espaços em que essas práticas poderiam acontecer para contribuir no rompimento deste desafio.

Por fim, destaco a importância, não somente sobre os espaços físicos das aulas de Educação Física, mas também da instituição como um todo em refletir e repensar as suas organizações espaciais. Nesse sentido, se faz necessária uma concepção de lazer na constituição e organização dos espaços escolares, valorizando os anseios e desejos dos alunos de aprender e vivenciar experimentações para além das salas de aula e espaços internos a escola, onde a partir das disposições oferecidas o aluno possa se apropriar como um espaço seu, permitindo liberdade e autonomia no desenvolvimento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes – V.3**, p. 243, São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015.

_____. MEC/SEB. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

_____. MEC/SEB. **Subsídio para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para Educação Infantil**. Brasília, 2009.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. **Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.21, n.3, pp.365-373, 2008.

COSTA, A. J. da S. **O espaço em escolas públicas Municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física**, 2015, 252 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: **DAYRELL, Juarez (Org.)** Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG. 1999.

DEBUS, M. **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development. 1997.

FARIA FILHO, L. M. Escolarização e Cultura Escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. IN: BENCOSTTA, M. L. A. **Culturas escolares, Saberes e Práticas educativas**. Itinerário Histórico. São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, n. 14, p.1-17, ago. 2000.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 09 anos**. Florianópolis: SME/DEF. 2016.

FRAGO, A V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. 2004.

GONZALES, P. E; FENSTERSEIFER, F. J. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2009.

KITZINGER, J.; BARBOUR, R. S. **Introduction: the challenge and promise of focus groups**. Developing focus group research: politics, theory and practice. London, 1999.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em ação**: Abordagens qualitativas, São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, C. F. de; SILVA, L. O.; MOLINA NETO, V. Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: relações (im)possíveis. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-10, maio/ago. 2011.

Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal Padre João Alfredo Rohr, 2016.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. Enferm.** Uerj. [online]. Rio de Janeiro. 2007.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar, UFPR.** 2006.

SILVA, M. F. P.; DAMAZIO, M. S. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 197-207, maio/ago. 2008.

SILVA, M. B. da; GRIGOLO, T. M. **Metodologia para iniciação à prática da pesquisa e da extensão II.** Curso de pedagogia - Universidade do estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cad. CEDES** [online]. vol. 19, n. 48, p. 30-51. 1999.

APENDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

REPRESENTAÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O ESPAÇO PARA AS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

VITÓRIA CLAUDINO DE LIMA

Dr. JAISON JOSÉ BASSANI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO⁸

⁸ A resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), “preconiza que o respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa (BRASIL, 2012) Ainda citando a resolução 466/12, define-se como pesquisa envolvendo seres humanos toda aquela que individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos (BRASIL, 2012).[...] Crianças de 7 a 12 anos: O Termo deve ser dirigido aos responsáveis legais, porém em linguagem acessível à criança ou, se necessário, ela deverá ser verbalmente informada sobre a pesquisa no limite de sua capacidade. A criança também deverá assinar o termo, concordando com a opinião dos seus tutores”.

Nós, Vitória Claudino de Lima e Jaison José Bassani, responsáveis pela Atividade de Intervenção e Pesquisa relacionadas com a atuação como bolsista do Programa Institucional de bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Estamos fazendo um convite para você participar como voluntário deste nosso estudo.

Os dados coletados irão subsidiar o projeto de intervenção que está sendo realizado na turma 51 e no trabalho de conclusão de curso relacionado a esta experiência pedagógica realizada na instituição, intitulado “Representações dos alunos sobre os espaços para as aulas de Educação Física em um escola da Rede Municipal de Florianópolis”.

Esta pesquisa busca compreender como os alunos se relacionam com os espaços durante as aulas de Educação Física.

Acreditamos que esta pesquisa é muito importante, pois permitirá que as crianças expressem suas opiniões e que participem ativamente do estudo, possibilitando novas discussões sobre a temática entre os professores das escolas e também na formação inicial.

Para a sua efetivação serão realizados dois encontros com o(a) voluntário(a) na Escola Básica Municipal Padre João Alfredo Rohr, entre os dias 10 e 13 de outubro. Nesses encontros serão realizadas entrevistas em grupo (com a participação de outras crianças), gravação de áudio, registro oral e escrito.

Não haverá desconforto para o(a) voluntário(a) na medida em que os instrumentos apenas levantam informações sem identificação e os procedimentos de inquirição não colocam em risco a integridade da sua saúde física e psicológica. Os procedimentos de investigação não causam qualquer malefício ou constrangimento.

Durante o período da pesquisa, os familiares e o(a) voluntário(a) têm o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com algum dos pesquisadores.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa também podem ser divulgadas em eventos ou publicações científicas, sem identificação do(a) voluntário(a) e apresentação de imagens e de produções elaboradas nos encontros.

A sua participação será gratuita, isto é, o(a) voluntário(a) não receberá dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ (*nome completo da criança voluntária*), após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do(a) voluntário(a)

Eu, _____ (*nome do pai, mãe ou responsável legal pelo/a voluntário/a*), após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento, acredito estar suficientemente informada, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

RG: _____

Assinatura do(a) Representante Legal

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Vitória Claudino de Lima
(Responsável pela obtenção do Termo)

Pesquisadores:

Vitória Claudino de Lima

Rua Nelson Leopoldo dos Santos, 500

Telefone: (48) 998028223/ E-mail: vii.claudino@gmail.com

Jaison José Bassani

Rua Dom João Becker, 641 – 305

Telefone: (48) 9148-2551 / E-mail: jaisonbassani@uol.com.br

APENDICE II

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Representação do aluno sobre os espaços físicos para as práticas pedagógicas de
Educação Física

TURMA: _____ **PERÍODO:** _____

NÚMERO DE ALUNOS NA TURMA: ____ total ____ meninas ____ meninos

FAIXA ETÁRIA: _____

DIAS E HORÁRIOS DAS AULAS DE EF NA TURMA: _____

1. EM RELAÇÃO AOS ALUNOS:

- Como os alunos reagem à chegada do professor de Educação Física para a aula?
- Há resistência por parte dos alunos para a realização das propostas realizadas para a aula de Educação Física?
- Quais os graus de participação dos alunos nas aulas? Eles podem questionar as atividades? Podem propor, ou recusar? Como se dão essas negociações?

- Que tipo de mediação o professor faz com alunos que reclamam, ou se auto excluem?
- Onde ficam os alunos que não querem participar da aula?
- Os meninos e meninas interagem entre si de que maneira durante as aulas?
- Entre os gêneros iguais há algum tipo de hierarquia? E gêneros diferentes?
- Os meninos e as meninas ocupam de forma diferenciada os espaços da Educação Física? De que maneira ocorre essa ocupação?

2. EM RELAÇÃO AO PROFESSOR

- Qual a proposta de conteúdo do professor para a turma durante o período de observação?
- Quais as regras explícitas e acordos existentes entre professor de Educação Física e alunos?
- Como ficam as questões de saída para banheiro, água ou outras necessidades?
- Há acordos para a divisão dos espaços? Como são realizados estes acordos?
- É possível identificar o modo de estruturação das aulas? Como se dividem os momentos?

Em que espaços?

3. EM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

- A sala de aula é um lugar da Educação Física? Há momentos da aula que acontecem nesses espaços? De que forma acontecem?
- O que se desenvolve na sala e o que se desenvolve na quadra? São diferentes?
- As aulas são divididas por momentos? É possível reconhecer essas divisões?
- Como é o momento inicial da aula? Em que espaço isso acontece? Que tipo de informação é fornecido nesse momento?

4. EM RELAÇÃO À UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NAS AULAS

- Quais são os espaços onde ocorrem as aulas?
- O espaço aparece como limitante durante a realização das aulas propostas?
- Há alunos ocupando outros espaços durante a aula?
- Há falas sobre como devem ser ocupados os espaços?
- As condições climáticas interferem na ocupação dos espaços das aulas? Em que grau ocorreu?

APENDICE III

ROTEIRO DE PERGUNTAS: ENTREVISTA COLETIVA

1. SOBRE A ESCOLA

- Vocês lembram como era a escola quando foram pela primeira vez?

Considerar que todos os alunos entrevistados sempre estudaram nesta escola, explorar a lembrança deles tentando relembrar as etapas da reforma e como era antes os espaços das aulas de EF:

A escola mudou muito? As salas sempre foram nesses lugares que são hoje?

Como era o pátio? Lembram se tinham salas ao redor? São as mesmas de agora?

- Lembram-se do que faziam nos momentos livres? É diferente do que fazem agora?

Buscar recordar as brincadeiras e atividades que faziam nos diferentes espaços escolares, quais são? E agora, é diferente?

O que faziam? Tinha mais espaço?

- Vocês gostam de vir à escola? O que mais gostam e o que menos gostam?

Acham importante vir à escola? Por quê?

O que acham do espaço físico que tem aqui hoje?

O que mudariam?

- Que lugar da escola vocês mais gostam e o que menos gostam?

Em qual passam parte do tempo?

Durante o momento que estão na escola, mas não é recreio. Esta tendo aula, vocês podem ir a outros espaços? Quais são esses espaços?

E durante os momentos livres, há alguma limitação de espaço ou vocês podem andar por tudo?

São diferentes os espaços de aula e os espaços livres?

Instigar as crianças a respeito das aulas de EF, mas também as outras aulas. Bem como a comparação que fazem entre aula de EF e outras aulas. Consideram com o mesmo grau de importância?

2. SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- Vocês gostam das aulas de EF? Tá, mais é muito ou pouco?

- E o que mais gostam na aula de EF? O que menos gostam?

- Acham importante ter aula de Educação Física? Sentiriam falta se não tivesse mais?

- O que vocês lembram de já ter aprendido nas aulas de EF durante o tempo que está na escola?

- Vocês brincam/ jogam em outros espaços atividades que desenvolveram e desenvolvem nas aulas de EF?

- E o que já aprenderam esse ano? E nos outros? O que vocês lembram ter visto como conteúdo das aulas de Educação Física?

3. ESPAÇO FÍSICO PARA AS AULAS

- Onde vocês fazem as aulas de EF?

- Tem diferença a aula de EF sala de aula, quadra ou pátio?

- Qual gosta mais?

- Se pudessem pensar um lugar para essas aulas, como seria? Quais conteúdos? E materiais?

- Vocês acham que aqui na escola tem espaço só para meninos e outro só para meninas, ou vocês ocupam os mesmos lugares?

- Acham que quando esta muito calor ou muito frio, chovendo a aula de EF é diferente?

- Como é a aula em dias que está muito calor? E nos dias de chuva?

- Podem escolher se querem ou não participar das aulas? Onde ficam quando não participam?
- Vocês já tiveram aula de EF em algum lugar fora da escola em que gostaram muito de ir? Onde?
- Desde que vocês estão aqui, fazem EF nos mesmos lugares ou varia conforme os anos que estudam?
- As crianças pequenas podem ficar no mesmo lugar que vocês ou tem diferença?
- Durante as aulas de EF vocês podem optar os lugares que querem fazer a aula, ou ir durante as aulas?
- Se vocês fossem convidados para planejar a reforma da escola como fariam? Que espaços teriam?
- Alguém já perguntou para vocês a opinião a respeito das rotinas da escola, como horário, troca de professores, aula que precisam assistir e participar, etc?